

RAI REIS

Cáceres

Passado e presente de uma geografia poética



Cáceres

Passado e presente de uma geografia poética



De Albuquerque foste a preferida
Minha terra cristã e feliz
Cidade amor de São Luiz
Salve, Cáceres, princesa querida.

Última estrofe do Hino a Cáceres
Natalino Ferreira Mendes, 1993.



Rai Reis

Cáceres

Passado e presente de uma geografia poética

Texto: Olga Maria Castrillon-Mendes



Cáceres

Princesinha do Paraguai

Leonardo Ribeiro
Albuquerque
Deputado Federal

A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Valorizar a história por meio do resgate da memória é o primeiro passo para que possamos avançar. É a partir do reconhecimento das vivências do passado que podemos pensar, planejar e realizar com mais precisão o que temos como meta para o presente e futuro.

Na evolução de uma cidade, acredito que não seja diferente. Preservar a história, nossas raízes, cultura, perpetuar valores é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato.

Fundado em 6 de outubro de 1778, Cáceres é um município de Mato Grosso localizado na região oeste e na microrregião do Alto Pantanal. Fazendo fronteira com a Bolívia, é a principal cidade mato-grossense abrangida pelo Pantanal. Região de natureza privilegiada que ostenta a grandiosidade e a beleza do Rio Paraguai e seus afluentes. Por isso, se destaca no turismo. O Festival Internacional de Pesca Esportiva (FIPE), realizado na cidade, foi registrado no Guinness Book como o maior campeonato de pesca do mundo em águas fluviais.

Como foi fundada no século XVIII, Cáceres também possui arquitetura de alta relevância. A cidade teve seu Centro Histórico tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2012 - um reconhecimento da importância de seu conjunto arquitetônico e paisagístico da baía do Malheiros, fazendas antigas, rio Paraguai e Pantanal. Entre tantos monumentos, destaca-se a Catedral São Luiz, exemplo de arquitetura neogótica, inspirada na Notre Dame de Paris. E a Praia do Daveron? Um local que está na memória de muitas famílias. Cáceres é o nosso orgulho, uma joia rara, a Princesinha do Paraguai.

Por essas e tantas outras características únicas é que decidimos fomentar a edição deste livro. Este projeto é realizado com recursos da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer do Governo de Mato Grosso, por meio de uma emenda parlamentar que indiquei durante o mandato que exerci de deputado estadual (2015-2018).



A ideia é ampliar a política de acesso e democratização do livro, da leitura e ampliar o conhecimento em relação ao patrimônio cultural, antropológico, econômico e social da cidade de Cáceres. Por isso, 2 mil exemplares serão distribuídos gratuitamente.

Pelas fotografias do cacerense Rai Reis e textos da Profa. Dra. Olga Maria Castrillon Mendes, o leitor será conduzido a uma verdadeira viagem. Este livro é um convite. A reafirmar o orgulho da nossa cidade, a fé no nosso povo, na cultura e na vida de homens e mulheres que trabalham diariamente pelo nosso progresso.

A leitura transforma nossa alma, muda nossos olhares para lugares já conhecidos, altera percepções e desperta o interesse para questões que o tempo possa ter apagado.

Cáceres é muito mais do que sabemos ou pensamos sobre ela. É sempre tempo de apreciar nossa cidade, redescobrir seus encantos e espalhar suas belezas para quem ainda não as conhece.

Boa leitura!

De arquitetura neogótica, é a Catedral de São Luiz o símbolo religioso da cidade. Defronte ao rio Paraguai, domina a praça Barão do Rio Branco, compondo um discurso histórico e cultural da cidade



Traços e Traçados

da Cidade de Cáceres

Allan Kardec Pinto
Acosta Benitez

Secretário de Estado de Cultura,
Esporte e Lazer de Mato Grosso

A arte de fotografar é uma forma poética de gravar e reproduzir as belezas de um lugar e das manifestações culturais de seu povo. Neste livro o leitor terá o prazer de conhecer a cidade de Cáceres, conhecida como “Princesinha do Paraguai”, pelo olhar do fotógrafo cacerense Rai Reis, além do texto da professora Olga Maria Castrillon Mendes. Juntos, eles abordam a cidade, sua arquitetura, casarões, pessoas, economia, fazendas antigas, o rio Paraguai e manifestações culturais.

Fundada em 1778, com a alcunha de Vila de São Luis de Cáceres, a então Vila-Maria do Paraguai tem muita história e beleza em cada canto. Tudo isso merece ser retratado e eternizado para difundir ainda mais o seu potencial turístico e cultural.

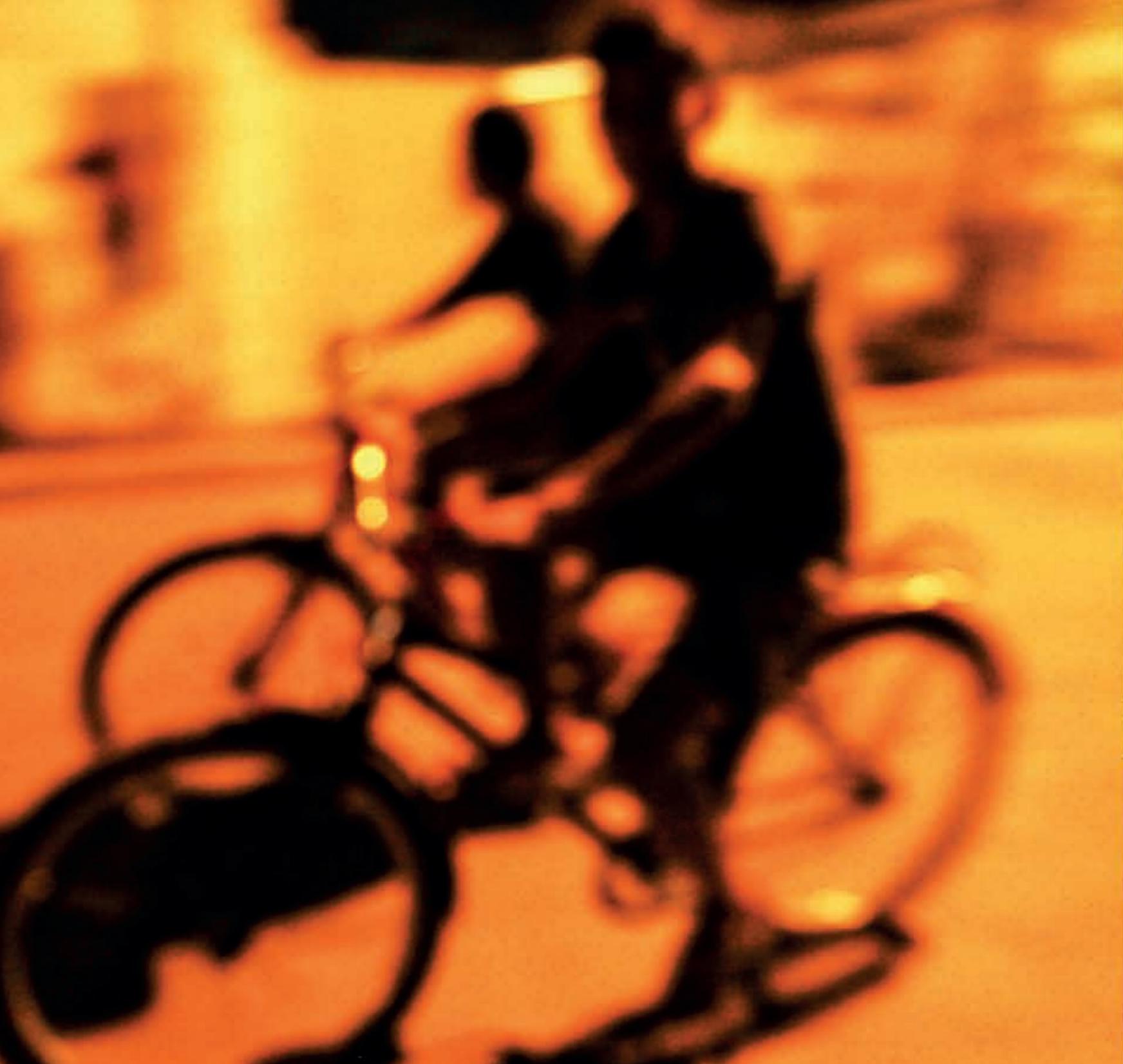
Nesse sentido, a publicação contribui positivamente. E essa contribuição traz à luz a importância de preservarmos esse patrimônio, que teve seu Centro Histórico tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2012. A obra terá distribuição gratuita de 2.000 mil exemplares para a comunidade, fazendo com que essas belezas cheguem às pessoas que talvez não tenham acesso por outros meios.

Ruas, Calçadas e Alpendres

An aerial night photograph of Cáceres, Brazil, showing the city lights and the Rio Paraguai. The city is illuminated with warm yellow and orange lights, while the river is lit with cooler blue and green lights. The view is from a high angle, looking down on the city and the river.

Francis Maris Cruz
Prefeito de Cáceres

Sempre entendi que as histórias devem ser preservadas. Desde quando a cidade de Cáceres me acolheu como filho, a sua história faz parte da minha vida. Andar pelas ruas da cidade e contemplar nas fachadas dos casarões centenários suas lindas janelas é um exercício de memória e imaginação. Quantos causos, quantas conversas, quantos romances guardam essas ruas, essas calçadas, esses alpendres... Cáceres é permeada não só pelo Rio Paraguai que acompanhou o crescimento da cidade e, por vezes, sofreu por isso. A Princesinha do Paraguai, como carinhosamente a chamamos, é permeada pela vida deste povo honesto, trabalhador e cheio de vida. Orgulho-me de fazer parte desta terra de onde não só tiro o meu sustento mas, ao longo dos anos, tenho me empenhado em fazer dela um lugar ainda melhor para se viver. Este livro com belíssimas fotos de um pouco da nossa história, da nossa gente, da nossa querida e amada Cáceres, auxilia-nos a reviver o passado, pensar o hoje e projetar o futuro. Um passado que precisa ser respeitado, num hoje que precisa ser vivido com responsabilidade para que tenhamos um futuro onde nossa cidade não seja apenas uma lembrança de papel.



Panorama da história

No ano em que Cáceres comemora 242 anos, a imagem da cidade no cenário de Mato Grosso é ressignificada, tanto pelas lentes do fotógrafo, quanto pelos enunciados que tentam elucidar as especificidades locais. O trabalho de fortalecimento da memória construída ao longo dos tempos tem contribuído para a compreensão de que as identidades culturais, mesmo as aparentemente mais sólidas, não são rígidas, mas móveis e, ao refletirmos sobre os fundamentos e o processo evolutivo das sociedades, todos nos tornamos parte das conquistas e dos desafios que sempre são interpostos pelas culturas hegemônicas em detrimento daquelas produzidas pela margem.

Sabe-se que Cáceres é parte do processo histórico mais amplo que teve início no ciclo dos bandeirantes paulistas, conhecido como ciclo do ouro, de que resultaram os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Levados pelos rios que correm para o interior, os paulistas alcançaram os espaços conhecidos como "sertões distantes" e fizeram desse avanço os primeiros fundamentos da presença portuguesa no Guaporé. Da investida bandeirante até Cuiabá e Guaporé, foi criada a Capitania de Mato Grosso, em 1748.



As imagens são retalhos da memória que se juntam em escrituras do chão mais íntimo.



Fazenda Jacobina

A situação privilegiada da então Vila Maria (Cáceres) entre os dois centros populacionais mais importantes, somada à navegabilidade dos rios, região de terras férteis e à situação de defesa e incremento da fronteira, elevou-a a importante núcleo agropastoril, notadamente a partir da Fazenda Jacobina, conhecida como núcleo-base da formação de Cáceres e irradiador de outros estabelecimentos rurais no vale do Paraguai.

Diminuída a corrida do ouro, inicia-se o período da extração da borracha, peles, madeira e, sobretudo a ipecacuanha, dando início à vida urbana. Cria-se o município, em 1874, com o nome de São Luiz de Cáceres. Diz Natalino Ferreira Mendes que a economia se consolida com a formação de novos núcleos de produção espalhados pelo leste, nordeste, norte e sul do vasto território, sobressaindo a Fazenda Descalvados, no rio Paraguai; os estabelecimentos de Flechas, Paiol, Ressaca, Facão, Tapirapuã; os sítios de produção da chamada "morraria" – Taquaral, Formigas, Cachoeirinha e outros, que por muitos anos abasteceram o mercado; a povoação de Barra do Bugres, que foi distrito de Cáceres, centro produtor de Ipecacuanha, desligando-se dele em 1994 para tornar-se também município; as fazendas do Pantanal e da fronteira com a Bolívia, bem como as usinas de açúcar e aguardente.

Fazenda Jacobina

Patrimônio rural considerado a célula-mater da cidade de Cáceres. A vastidão de suas terras se estendiam até o morro “Escalvado”, local da então Fazenda Descalvados à margem direita do Rio Paraguai, a aproximadamente 150km rio abaixo.

Marcas arquitetônicas que permanecem até hoje são resquícios do movimentado comércio e de importantes atividades que consistiam em importação de mercadorias manufaturadas, nacionais e estrangeiras, e na exportação, em regular escala, dos produtos da região. Diz Gabriel Pinto de Arruda (1938, p.51), que “da produção do solo [Cáceres] exporta a poaia, borracha, couros vacum, secos ou salgados, pelos e animais silvestres, penas de garças e de outras aves, baunilha, arroz, feijão, milho, farinha de mandioca e de milho, polvilho, toucinho carne seca, charque, línguas salgadas, açúcar, aguardente, rapadura, toras, tábuas, ripas e caibros, raízes e folhas de plantas medicinais, muitas frutas, dentre elas: bananas, laranjas, mangas, ananazes, abacaxis, etc; exportando também gado vacum cavalari e muar, tendo sido já também iniciada a exportação de cocos”.

Tal intercâmbio comercial notabilizou o município. No início do século XX, Cáceres é ligada pelas linhas telegráficas sob o comando do Major Candido Mariano da Silva Rondon; chegam as Irmãs Azuis e os Padres Franciscanos que fundam escolas, o Colégio Imaculada Conceição e o Instituto Santa Maria, respectivamente, ícones da educação que permanecem com renovados padrões educacionais.





Fazenda Descalvados, à margem direita do Rio Paraguai, a aproximadamente 150km, abaixo da cidade de Cáceres.

A partir da década de 1960, grandes transformações impulsionam o desenvolvimento da cidade: ligação rodoviária com Cuiabá, construção das pontes sobre o rio Paraguai e Cabaçal, facilitando o processo migratório já iniciado nos anos 1950. Com isso, a navegação fluvial arrefece e surgem novos núcleos populacionais. A cidade se transforma no polo regional de sustentação em todos os ramos do comércio e das finanças. A partir dos anos 1976, os núcleos começam a se desmembrar, exigindo um reordenamento de metas, ocasionando a reforma administrativa do município, a inserção de programas de atuação integrada com o contexto regional e nacional, dentre eles o Polonoeste, beneficiando toda a região. A cidade viveu períodos difíceis de transição, buscando sempre se reinventar como polo de comunicação com o mundo e de uma tão sonhada ligação das bacias amazônica e platina, pela própria localização estratégica que ocasionou sua origem.

Fazenda Descalvados





Capela da Fazenda Descalvados





Fazenda Ressaca

Situada a 18 km da cidade, a Usina Ressaca ficou famosa pela qualidade de sua aguardente de cana de açúcar e pelo fornecimento de produtos agrícolas de suas lavouras. Seus proprietários foram os Srs. Francisco Villanova Torres, José Gentil da Silva e Francisco Eduardo Rangel Torres. Atualmente é de propriedade da Empresa Grendene S/A com exploração da pecuária e plantio de soja.





Na Fazenda Acorizal o
compartilhar da cuia tem
gosto dos sentimentos e afetos.





Caldeira da charqueada - Fazenda Barranco Vermelho





Uma lenda, registrada em poesia por Natalino Ferreira Mendes (1993, p. 16), conta que Cáceres surgiu da encantada contemplação de uma linda princesa das terras diamantinas do Alto Paraguai que descia o rio dos Paiaguá, num fabuloso barco ornado de vitórias-régias. Daí, talvez, a carinhosa denominação de Princesinha do Paraguai. Nobre, mas nem sempre digna de merecida corte. Diz a lenda que

encantada com a visão
das terras que se espraíam
desde o rio
até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul.

[...]

Em êxtase ficou
voltada para o poente...
Alguns naturais acorreram
e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.

[...]

Lá no fundo, a Serra Azul, a Ponta do Morro,
- sinal da riqueza cacerense!
A mesma Serra donde o sol desponta
para no fim do dia mergulhar por trás do rio
no Ocidente.
Nesse instante, do porto da cidade,
o mais lindo cenário se aprecia
das nuvens que, em rubras cores cambiantes,
a agonia do Sol em si revelam...
E Sol e nuvens, e turbilhão de cores,
o rio manso em seu cristal reflete

(NFM, 1993, p. 19)



A visão poética, que dá origem à epopeia romântica fundadora da cidade, constrói a raiz do fabulário mítico de que se constitui a terra, o povo e a cultura plural de Mato Grosso. Banhada pelo caudaloso rio Paraguai, um dos formadores do Pantanal, reúne imagens que preenchem espaços-tempo de uma bicentenária paisagem constituidora de destacados lugares de memória, tanto pela aura simbólica da imaginação acionada a lembrar experiências, quanto por acontecimentos vividos individual ou coletivamente.

Determinado pela vontade instauradora do acontecimento da memória, o livro de Rai Reis reúne fatores inconscientes da construção desse imaginário, daquilo que resta de outros tempos e que podem (e devem) ser transmitidos pela vontade da sociedade, transcendendo ao próprio registro. A lente com que o artista congela os fragmentos imprime sinais que superam o simples foco da câmera. Traz a magia do olhar de quem opera a máquina com sensibilidade estética. É pura estesia com a qual o leitor/observador, ao folhear o livro, flagra instantâneos da memória material e imaterial cristalizada pelos grupos que se identificam ou se reconhecem (ou não), possibilitando a existência de um sentir-se pertencendo a. Não é só o conjunto das serras, ondeando infinitas paisagens, nem tampouco o serpentear do rio ao abraçar a cidade no rico fascínio do cais do antigo porto, mas também o conjunto estético do irregular traçado das ruas, dos flagrantes dos botecos e bolichos, das cadeiras nas calçadas e do fabular à beira do rio, frente ao encantador e poético pôr do sol. Tudo isso, somado às subjetividades do artista, é que faz a cidade surgir em meio à geografia poética, modulada pelo discurso da/sobre nossa origem e os modos pelos quais passamos a significar na humanitária relação com o mundo.





Hino a Cáceres

Marcha um povo rompendo a floresta,
Ganha terras e aumenta o Brasil.
No Ocidente penetra e, na testa,
Albuquerque de porte viril.

Dessa marcha de heróis do passado,

Tu, ó Cáceres, ergues-te forte:
Já ecoa no campo o aboiado,
Surge a Poia nas matas do norte.

Tuas terras banhadas dos Rios
Sepotuba, Jauru, Cabaçal,
Paraguai - porta aberta p'ra o mundo!
Mar interno - feraz Pantanal!

O teu solo propício à cultura
Doutros centros chamou atenção,
Veio gente no afã de fartura,
Confirmou de Albuquerque a visão.

Tua história contém a lição
De trabalho tenaz persistente.
No concerto geral da Nação
Como sempre respondes - Presente!

De Albuquerque foste a preferida
Minha terra cristã e feliz
Cidade amor de São Luiz
Salve, Cáceres, princesa querida.

(NFM. 1993, p. 69).



Parece que a natureza toda,
nesse instante,
se concentra
na agonia do sol que morre...
para voltar amanhã
na plena alegria de uma nova aurora,
de uma nova vida.

(NFM, 1993, p. 17)





As imagens sussurram tempos, movem passos por entre o chão batido, as pedras dos bloquetes, ou do calorento asfalto, pistas por onde circulam gentes, bicicletas e veículos motorizados em movimentos de um concerto orquestrado por diferentes vozes e sons, muitas vezes confusos, mas sempre representativos do vital burburinho que nos move. São momentos em que a vida supera a arte e religa o divino ao humano.

O livro é, então, uma prece e uma profissão de fé; um ato de amor e um objeto materializado em variadas formas de representação. Ao mesmo tempo, é um libelo à geografia que rememora a singela imagem da princesa que, poeticamente, desce o rio num "airoso barco ornado de vitória-régia", deixando-se seduzir pelo local. Talvez na lenda resida o ar senhorial presente no conjunto arquitetônico do casario central da cidade, com o qual se revestiu o passado colonial resistente ao tempo e às intempéries do progresso, mantendo a cidade como símbolo da presença portuguesa desde o século XVIII.





A cidade em imagem e no imaginário

O plano estratégico que colocou Cáceres como o encontro de caminhos entre Cuiabá e Vila Bela congregou dois aspectos necessários para aquele momento histórico: o povoamento e a obra civilizatória, determinando o processo de apropriação com o qual se configurou, política e socialmente, o espaço geográfico de Mato Grosso, colocando-nos diante de discursos que nos constituíram historicamente. A história se une à poesia no exercício constante de presentificação do passado. Diz o poema:

É o tempo das conquistas. Portugal
E Espanha, pela posse enfim das terras
Além de Tordesilhas, se combatem.
A gente de São Paulo – os Bandeirantes –
Vencendo mil perigos, destemidos,
Além do Guaporé vão desbravando,
Tangidos por tenaz e fria audácia;
Atraídos, também, pela miragem
Do célebre Eldorado, que haveria
Para além do sertão da nova terra. [...]

Albuquerque aí vem... Ele é o quarto
Entre os governadores que tivera
Nossa Capitania, desmembrada,
Há pouco, de São Paulo... Albuquerque,
O homem de visão para o momento! [...]

Então o mês de outubro, sexto dia,
Uma nova semente é lançada
Na margem do soberbo Paraguai:
- VILA MARIA surge humilde e só
Na vastidão dos campos e florestas!
Sentinela avançada do ocidente,
Consagrada a São Luiz, o Santo Rei,
Viveu só e por si por muito tempo,
De seus próprios recursos, abundantes
No seu solo feraz que Pluto habita... [...]

Natalino Ferreira Mendes. Cáceres. In: Anhuma do Pantanal: poesia da terra, p. 13-15,
no 179º aniversário de sua fundação, em 06/10/1959).

Conquista de terras e apresamento de indígenas fizeram da Cáceres Oitocentista a guardiã da fronteira oeste brasileira, a “sentinela avançada do ocidente”. No encontro de caminhos entre Cuiabá e Vila Bela, serviu de entreposto comercial e de porta da navegação pelo rio Paraguai, caudaloso manancial que transportou riquezas, pessoas e deu vida aos ribeirinhos. Ao robustecer o seu curso com outros mananciais como o Sepotuba e o Bugres, acima, e o Jauru e Cabaçal, no caminho que demanda a Corumbá até o sul-atlântico, a vocação da cidade se torna transparente e a vida acontece em seu extenso trecho totalmente navegável. No abraço festivo com que enlaça a cidade, recebeu o conquistador e dá as boas vindas ao turista; defendeu-a da investida paraguaia pelos camalotes, no episódio da passagem da Tapagem, durante a Guerra da Tríplice Aliança; conheceu a glória de conduzir o comércio da Ipecacuanha, famosa riqueza natural de suas matas e fez, da chegada e da partida do vapor Etrúria, o acontecimento mais concorrido de suas margens.





Um longo apito ecoa sonoro!
- Etrúria!... Diz o povo emocionado.
Já o porto de gente está apinhado:
- Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste a Corumbá, Vapor formoso,
A urbe de Albuquerque (nome honroso!)
- Único meio de transporte usado.

Assim tanto te uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

Etrúria!... O Paraguai está vazio...
Fecharam-te o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade.

Natalino Ferreira Mendes, 1993, p. 59

O século XX encontra Cáceres em pujante crescimento econômico, principalmente, pelo cultivo e exploração da poaia, erva nativa das ensombradas matas, o ouro negro que abriu a região para lucrativo comércio. De difícil cultivo, a ipecacuanha, como é conhecida no meio científico, alimentou a história e o imaginário popular.



Na assombrada mata da Poaia
Mal conhecida, outrora, dos mateiros,
Um monstro temeroso, em sobressalto
Traz os intrépidos Poaieiros.

É um monstro de forma humana
De longos pelos dotado,
Alto, forte, horripilante,
Em um só pé apoiado.

Seu nome: Pé-de-garrafa!
Pois seu casco imita o fundo
Da garrafa sobre o solo.
Não é bicho deste mundo! [...]

A “Casa Rosa” ou Casa Alfredo Dulce é uma nobre moradia, construída em 1923.

Para concretizar a construção da casa que José Dulce idealizou para presentear seu filho Alfredo, foi contratado o mestre de obras José Bexiga. Vindo de Portugal, trouxe consigo traços e técnicas do movimento eclético assemelhando-se ao *Art Nouveau*, que dominou por muito tempo na Europa. É a única nesse modelo, cheia de ramificações e adornos florais.

Tanto pelo movimento das conquistas bandeirantes, como pelos discursos produzidos que se interpenetram para apagar memórias existentes e construir outras, Cáceres faz parte de um cenário histórico que engrandece Mato Grosso. Há, portanto, ao longo de sua bicentenária história, uma força retórica determinada pelas formas dos discursos que traçam mapas e diretrizes humanas, estabelecendo a relação colonizador/colonizado que teve por base a posse de terras e criação de novos espaços de sentido. Essa condição faz pensar que, como guardião da fronteira, participou, acima de tudo, de atos de legalidade política pela eficácia do imaginário. Por isso, Luiz de Albuquerque, o fundador da então Vila Maria é designado para ampliar o exercício da diplomacia, o que lhe valeu a glória de anexar à cartografia nacional a maior extensão de terras conquistadas no período colonial.

Virgílio Correa Filho (1959), historiando sobre a formação de Mato Grosso, escreve que os capitães-generais eram individualidades que sabiam atuar com descortino e exemplar dedicação, conforme as conjunturas, que raramente poderiam aguardar as difíceis comunicações com Lisboa, pois acostumados com as estreitezias dos domínios portugueses se sentiam “esmagados” pela capitania tão vasta, tão inculta. Desta feita, os atos dos administradores representaram a extensão da voz do centro polarizador das ações. Explica-se, assim, que o discurso político colonial se caracteriza por uma retórica de apropriação em que o sujeito se transforma naquele do qual ele ocupa o lugar, dadas as condições que o legitimam, como fala Eni Orlandi (1987).





Casa do Sr. Leopoldo Ambrósio, ex-prefeito de Cáceres. A residência recebeu diversas personalidades como Marechal Rondon e o ex-presidente norte americano Roosevelt.



Casa de Generoso Leite e depois comércio do Sr. Dito.



Câmara
do Governo
Municipal



Casas Gêmeas.

Ao governador cabia assegurar os atos oficiais que preconizavam a segurança da fronteira e navegação dos rios e trânsito de canoas que caracterizaram o movimento de apropriação dos espaços. Assim, os locais se transformam pelas fortalezas de defesa, o Forte do Príncipe da Beira, no Guaporé, Nova Coimbra e Miranda, na parte sul do antigo Estado uno, formando estruturas que fixaram os lugares e a memória.

Ligando-se ao sentido de fronteira sudoeste, Cáceres manteve-se fiel à sua vocação, preconizada na ata de fundação:

neste distrito do rio Paraguay e margem oriental d''elle, no lugar onde presente-mente se dirige a estrada que se seguia à Cuyabá desde Villa Bella [...], para com efeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, compreendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínio Portuguezes da Província de Chiquitos [...]; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade, Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade pública aos motivos da sua fundação (Ata de fundação de Cáceres. In: MENDES, 2009, p. 27-29).



Anjo da Ventura

Escultura alada trazida pelo comerciante José Dulce, proprietário de importante estabelecimento comercial e do Vapor Etrúria. Sua memória encerra narrativas históricas e culturais.





... e ainda hoje me encantas,
Minha primeira escola.
És um patrimônio
que a cidade deve guardar com carinho.
Vens de longe no tempo
e segues para mais longe,
no futuro,
impávida,
acompanhando
a evolução do ensino em nossa terra.

(NFM. 2010, p. 72-3)

Prédio do antigo Grupo Escolar (1913), hoje Escola Estadual de 1º Grau Esperidião Marques, que rememora o escritor e político Manuel Esperidião da Costa Marques.

A recente povoação “civilizada” consolidava o sentido de fronteira. Como dado eminentemente geográfico, fronteira é um dado econômico, pois Portugal vislumbrava, através de Tordesilhas, a possibilidade de futuramente vir a obter riquezas destas regiões até então desconhecidas. Mas pode ser visto, também, como algo que se completa, define e especifica o país, assegura o instinto de propriedade tão natural e imperioso nos povos, como nos indivíduos. No movimento das conquistas diplomáticas, a fronteira faz-se nos limites que, naturalmente, os homens põem entre si.

As comissões demarcadoras fizeram o trabalho técnico que, no caso das nossas fronteiras, ofereceram dificuldades de interpretação ao se depararem com os acidentes naturais como rios e campos alagados dos pantanais que serviram de base para a delimitação. Nessa fase são colocados marcos de valor jurídico e alcance político, com efeitos que se esperavam fossem permanentes.



Casa de comércio que recebia as encomendas oriundas da França e Uruguai, que chegava pelo Rio Paraguai. Atualmente Mapili.

A cidade são caminhos.
Lugar de contato com o Outro.





O marco do Juruá, símbolo desse Tratado, cujo monumento encontra-se assentado na praça principal da cidade, ostenta em uma de suas faces a memória dessa discursividade: "a justiça e a paz se oscularam" (*Iustitia et pax osculatae sunt*). Duas formas do real existente marcam o lugar de memória simbolizado pelo entendimento e pelo marco/monumento: o rio (Juruá, na época, o balizador do Tratado) delimitando a fronteira natural, o discurso (Tratado) que transforma a posse em matéria de legalidade política e administrativa, cursos políticos que se aliam à poesia, síntese do imaginário social desse processo histórico.

Guardando velhos arcanos
Da gente antiga, valente,
- Dos Lusos e Castelhanos,
Como um gigante impotente
Jaz na praça principal,
Desta terra hospitaleira,
Em frente da Catedral,
Velho Marco de Fronteira [...]

O Tratado comemora
De setecentos cinquenta
Celebrado em boa hora
Com Castela sempre atenta;
Disciplinando a expansão
Dos dois reinos colossais,
Que se valem da ocasião
Dos parentescos reais!

Na face, que o sul contempla,
Desse Marco de Fronteira,
Há um lema que acalenta
Esta terra brasileira:
- “Justiça e Paz se oscularam”
Nestas plagas sem rivais...
- Grande exemplo nos legaram
Nossos fiéis ancestrais. [...]

Natalino Ferreira Mendes. Marco do Jauru (comemorativo do Tratado de Madri, de 1750).
In: Anhuma do Pantanal: poesia da terra, p. 26-27.





Vista interna dos arcos em madeira ogivais da Catedral São Luiz de Cáceres e pia batismal abaixo da abóboda ogival da Catedral São Luiz de Cáceres.

Colocado em frente à Catedral de São Luiz, de estilo neogótico, o Marco pereniza a fé e a política e compõe, no conjunto da Praça, um discurso histórico-cultural que não passa despercebido aos moradores e visitantes, embora guarde sentidos diversos para quem o contempla. Desta forma, na constituição da fronteira de Mato Grosso, a história, a memória e a poesia constroem diferentes representações linguísticas que revelam diferentes formações discursivas relativas ao funcionamento do discurso do poder e dos mecanismos que acionam para promover o assujeitamento à ideologia.

Então, entre a memória da terra e das gentes, Cáceres surge entre retalhos tecidos por sensações e imagens que se juntam em escrituras do chão mais íntimo e unem vozes e símbolos que formam suas identidades. O espaço da cidade é campo da vida social e dos circuitos de afetos. Possibilita mobilização ou ideias e experiências que criam conexões e redesenham as condições culturais.



Elementos vazados em formato ogivais da torre da Catedral São Luiz de Cáceres.



Sino do campanário da torre da Catedral São Luiz de Cáceres.

Olhares plurais

A cidade assim redesenhada é agenciadora das subjetividades para uma reinvenção da vida. Lugar de enunciação em que se recria, pelo discurso e pelo imaginário, espaços de vivências, valores e conflitos.

Unindo olhares sobre sua urbe, como aqueles registrados por outros escritores, como D. Aquino e Ulisses Cuiabano, a poesia diz muito do sentido de identidade e de pertencimento à terra que norteou os escritores da primeira metade do século XX.

Diz D. Aquino Corrêa:

Essa que aí vês, à flor da bruta praia,
Vila Maria apelidada outrora,
Foi a primeira que a onda paraguaia
Beijou neste áureo tálamo de Flora.

Em suas matas virgens, Pluto mora,
No tapete aromal da verde poaia,
E além, na aberta do seu campo afora,
O belo gado inúmero se espraia.

Hoje o seu nome rememora ao mundo
O grande que a fundou, gênio fecundo,
Novo Hércules de feitos opulentos.

E o amplo rio, a cismar a sós consigo,
Como um fragmento de poema antigo,
Cáceres! Cáceres! Murmura aos ventos.

D. Aquino Corrêa. Cáceres. In: Poética. 1985, p. 53





Baía do Malheiros / Praia do Daveron / Casa do Daveron / Sede da SEMATUR.

Praia do Daveron, margem do rio Paraguai, onde os jovens se reúnem ao entardecer para piqueniques, práticas de esportes e contemplação de um pôr do sol incrível às margens do rio Paraguai. No local é realizado o Festival Internacional de Pesca de Cáceres.

**Na graça de tua forma sinuosa
beijando as barrancas
do nosso centro urbano,
compões ó baía,
com os balaústres do porto,
a ilha verdejante e o céu da tarde,
cambiante de cores,
o fenômeno sem-par
do pôr do sol cacerense.**

(NFM. 2010, p. 27)



Acróstico (ao bicentenário)

Como a borboleta, que rompe o casulo,

Ao sol abrindo as asas coloridas,

Confiante e cônica do teu peso

Entre as irmãs tuas deste grande Estado,

Remoçada chegas aos duzentos anos,

Enriquecida pelo labor da tua gente,

Sintonizada com o progresso do Brasil.

(NFM. 1993, p. 48)



A Baía do Malheiros está localizada na área central da cidade. A região compreende: o Cais do Porto Mario Corrêa; a área onde está a sede da Secretaria de Turismo e Cultura, nomeado complexo turístico Parque Sangradouro; a Casa e Praia do Daveron; a área verde alagável ao fundo e gramado, com uma distância de 800 metros de margem, localizada dentro do perímetro urbano da Poligonal de Tombamento do IPHAN, constituída de uma ilha fluvial que fica no entorno do perímetro tombado, transformada em Baía por meio da aprovação da Câmara Municipal, em 19 de junho de 1879.



Cenas do cotidiano.



Interior do Bar Pinguim.



Antiga Estação Rodoviária de Cáceres,
construída pelo prefeito
José Souto Faria em 1972.

Cáceres das bicicletas, dos encontros
à beira do rio, das conversas na
calçada é a representação mais
fecunda da alma do seu povo.

Toda garrida e meiga, irradiando
Um sorriso grácil de simpatia,
Cáceres – a cidade da alegria,
O nosso coração vai conquistando.

Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,
Todo repleto de galanteria
Os pés da heril princesa acaricia,
Um rosário de amor vai desfiando.

Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,
Quando lançou, no extremo oeste, a pista
Da Lusitana civilização,

Foi de uma audácia excelsa e varonil
- Firmando das Bandeiras a conquista
- Dilatando a grandeza do Brasil

Natalino Ferreira Mendes. Cáceres na lira do poeta Ulisses Cuiabano.
In: Memória cacerense, 1998, p. 15.

Pela estrutura fixa do soneto é recriada a essência histórica da cidade, representação do artista empenhado, do culto às belas letras com as quais se penetra a essência do belo, em cuja percepção o espírito se deleita, na manutenção da estreita relação com a capital, o que possibilitava aos escritores a saudável relação de produção e a partilha.





A política getulista da segunda metade do século XX surge através de projetos, cujos objetivos miravam a ocupação dos “espaços vazios”. Nasce Brasília, dando nova configuração ao mapa do Brasil. Levas de migrantes se movimentam rumo ao novo Eldorado, com promessa de ocupação de terras, principalmente, no norte do Estado. São frentes que impulsionaram mudanças de estratégias desenvolvimentistas do “velho” Mato Grosso. Cáceres se reinventa como polo de saúde, de turismo e de educação com a criação do Instituto de Ensino Superior (IESC), embrião da Universidade do Estado que, paulatinamente, abraça o território em 13 câmpus, núcleos e programas de licenciaturas parceladas, tornando-se a potência política e educacional que é hoje.

A gente, que para cá se deslocara, lançou-se à luta, e da exuberância deste solo, tirou a subsistência, fazendo, do excedente, lucrativo comércio, baseado no tripé da sustentação: agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Hoje, passados tantos anos, voltamos ao ponto de partida em novas dimensões: Cáceres projeta-se no cenário mato-grossense, nacional e mesmo internacional, pela inigualável posição que ocupa o cruzamento de estradas, na cabeceira do Pantanal, e com o potencial telúrico de que dispõe. Volta a ser, como queria Albuquerque, uma porta de comunicação não só com São Paulo, mas com o mundo. Tanto cresceu Cáceres nos anos setenta, quando houve a grande explosão, que dividiu o nosso vasto território em novos centros de produção e comércio, formando a constelação de municípios que povoam e civilizam a região sudoeste de Cuiabá (MENDES, 1998, p. 30-31).

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do notável patrimônio material e imaterial gravado na memória social. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados.

O que, então, o olhar absorve deste pedaço de chão que se escolhe para morar e amar é o resultado da multiplicidade de gestos, de registros e vivências captados por variadas lentes como as que se encontram neste livro formado por palavras e imagens unidas para orquestrar variados sentidos.

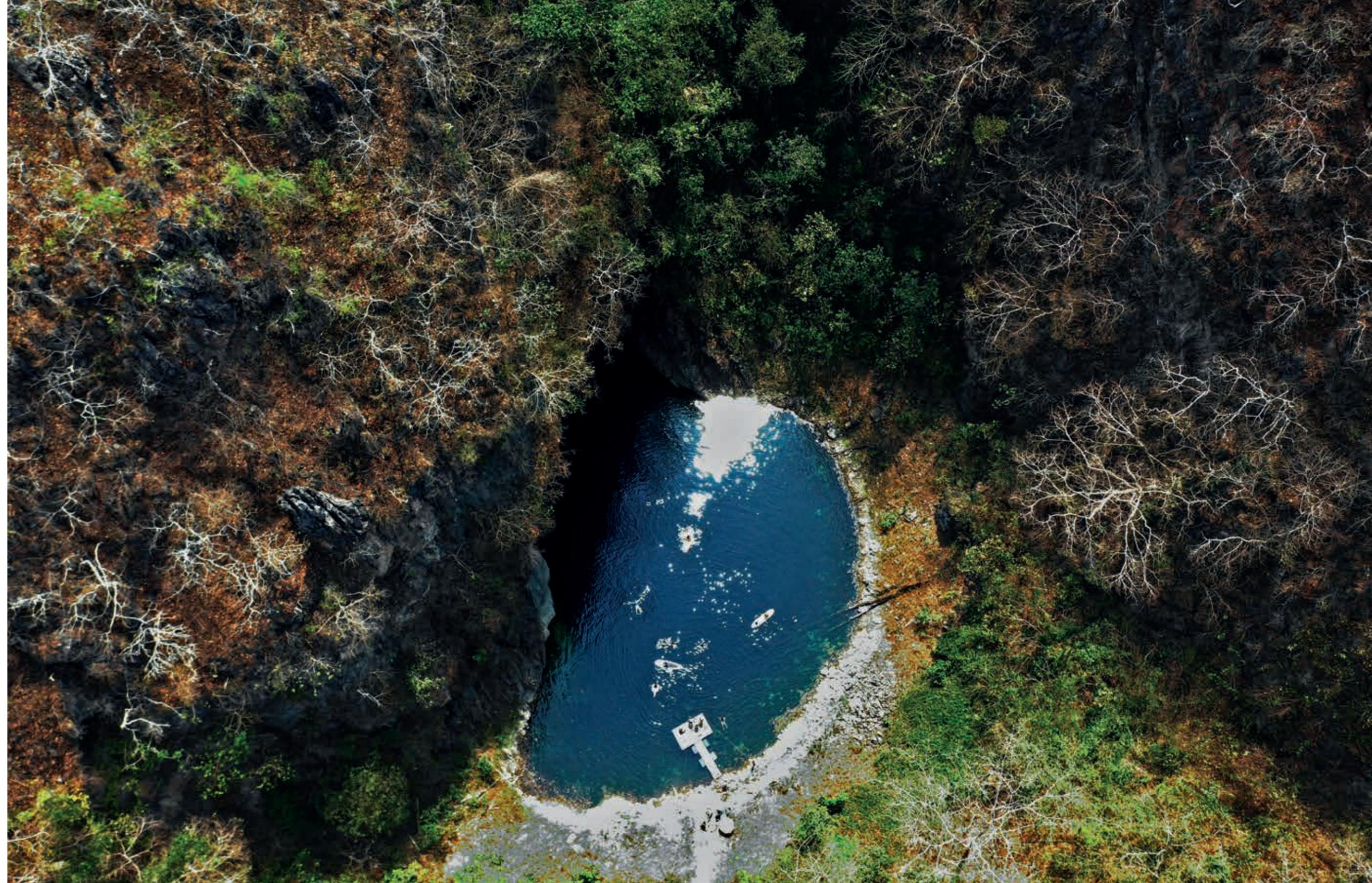
É passar lentamente as páginas do livro para se ver marcado o encontro/encanto com a vida. Não só o cacerense nato, mas aqueles que adotaram o lugar sentem-se tomados de certa nostalgia. Os primeiros, pelas sensações do já visto, lembrado e vivido; o migrante, pelo reconhecimento de cada fragmento da memória do outro, mas que é também parte da sua própria memória. O sentimento que perpassa o olhar é de magia, mas é também de provocação. As cores e espaços são mágicos, deleitam a alma; o que se depreende de cada imagem é parte da construção individual e coletiva com as quais se compõem quadros repletos de histórias a serem reescritas pelas gerações que se sucedem.





Nas nascentes cristalinas do rio Paraguai.

A doçura do povo cacerense
se banha nas suas mais
diversas águas.



Dolina Água Milagrosa.



REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gabriel Pinto de. Um trecho do oeste brasileiro. São Luiz de Cáceres, Mato Grosso: Rio de Janeiro, 1938.

CASTRILLON-MENDES, Olga M. **Discurso de constituição da fronteira**. In: www.unemat.br/editora, 2007.

CORREA FILHO, Virgílio.

CORREA, Francisco de Aquino (Dom). **Poética**: Terra Natal. Comemorativa do Centenário de nascimento do autor. Brasília/DF, 1985.

MENDES, Natalino Ferreira. **Anhuma do Pantanal**: poesia da terra. Porto Alegre: Pe. Berthier, 1993.

MENDES, Natalino Ferreira. **Memória cacerense**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1998.

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres**: História da administração municipal. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2009.

MENDES, Natalino Ferreira. **Pássaro vim-vim**. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2010.

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres**: origem, evolução, presença da força armada. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2010.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. Campinas-SP: Pontes, 1987.



Rai Reis é fotógrafo em Cuiabá há mais de duas décadas, sempre atuando em fotojornalismo e publicidade.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

R375c

Reis, Rai.

Cáceres: passado e presente de uma geografia poética./

Rai Reis, Olga Maria Castrillon-Mendes. 1ª edição.

Cuiabá-MT: Ação Cultural, Carlini & Caniato Editorial, 2020. 96p.

ISBN 978-85-8009-299-8 (Carlini & Caniato)

ISBN 978-65-990420-0-3 (Ação Cultural)

1. Cáceres – Mato Grosso. 2. Cultura. 3. História.

I. Castrillon-Mendes, Olga Maria. II. Título.

CDU 94(817.2)

Índice para catálogo sistemático:

1. Cáceres – Mato Grosso – Cultura – História - 94(817.2)

© Rai Reis, 2020.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa da Editora e do Autor (art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 do Código Civil Brasileiro de 2002).

Realização

Ação Cultural – Associação dos Produtores Culturais de Mato Grosso

SECEL – Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso

Assembleia Legislativa de Mato Grosso

Prefeitura Municipal de Cáceres

Organização, curadoria de imagens e legendas | Viviene Lozi

Produção Executiva | Eduardo Espíndola

Editores | Ramon Carlini e Elaine Caniato

Texto e legendas | Olga Maria Castrillon-Mendes

Projeto gráfico e editoração | Elaine Caniato

Tratamento de imagens | Marcelo Cabral

Revisão textual | Marta Cocco



Ação Cultural - Associação dos Produtores Culturais de Mato Grosso

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 04 – Centro Sul

Cuiabá-MT – (65) 3646-9701

acaocultural.org

producao@acaocultural.org



Carlini & Caniato
editorial

Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro Sul

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

carliniecaniato.com.br

contato@tantatinta.com.br



Debruçados na amurada
Do antigo cais
Da praça Rio Branco,
Nem percebemos quanto és linda
Ó ilha,
No quadro cacerense,
Que compões,
Com o rio, a mata, o céu e a terra.

(NFM. 1993, p. 22-3)

Apoio



ALMT
Assembleia Legislativa

SECEL
Secretaria de Estado
de Cultura, Esporte
e Lazer



Governo do
**Mato
Grosso**

